



## XXVIII ENFERMAIO

Repercussões das mudanças climáticas no mundo e sua influência na saúde

REALIZAÇÃO:



APOIO:



# O PAPEL DA ENFERMAGEM NO CUIDADO À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM SITUAÇÕES DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

Najla Edny Monteiro Spessirits<sup>1</sup>

Cauã do Nascimento Silva<sup>2</sup>

Elayne Cristina Soares da Silva<sup>3</sup>

Maria Eduarda Andrade Duarte<sup>4</sup>

Mariana Emanuele de Almeida Moura Alves<sup>5</sup>

Camila Santos Barros<sup>6</sup>

TRABALHO PARA PRÊMIO: GRADUAÇÃO - EIXO 3: ENFERMAGEM EM SAÚDE DA MULHER E SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.

## RESUMO

**OBJETIVO:** Identificar o papel da enfermagem no cuidado à mulher vítima de violência doméstica em urgências e emergências, abordando os desafios, práticas de intervenção e estratégias para melhorar a identificação e o acolhimento, promovendo um atendimento humanizado e eficaz. **MÉTODO:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada no período de Março de 2025. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Os estudos analisados destacam desafios críticos e potenciais avanços na triagem e no atendimento às vítimas de violência doméstica nos Departamentos de Emergência (DE). A ausência de protocolos formais e de capacitação profissional compromete a identificação e o manejo adequado dos casos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que políticas públicas devem priorizar a capacitação profissional, deverá haver melhorias na infraestrutura e no fortalecimento do suporte organizacional para uma assistência integral e eficaz a mulheres vítimas de violência doméstica.

**Palavras-chave:** Violência doméstica; Serviços de Emergência; Enfermagem.

## INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra a mulher é uma grave violação dos direitos humanos, com impactos físicos, emocionais e psicológicos profundos. Frequentemente, as vítimas chegam a serviços de urgência e emergência devido às consequências dos abusos, mas sem

1. Graduanda - Universidade Estadual do Ceará

2. Graduando de Enfermagem - Universidade Estadual do Ceará

3. Graduanda - Universidade Estadual do Ceará

4. Graduanda - Universidade Estadual do Ceará

5. Graduanda de Enfermagem - Universidade Estadual do Ceará

6. Enfermeira Obstétrica na modalidade Residência Integrada em Saúde - Escola de Saúde Pública / Hospital Geral César Cals

E-mail do autor: [najla.spessirits@aluno.com.br](mailto:najla.spessirits@aluno.com.br)

que a violência seja identificada. Nesse cenário, a atuação dos profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros, torna-se fundamental para oferecer o cuidado adequado e garantir a proteção da vítima (Franco; Lourenço, 2022).

Os enfermeiros desempenham um papel crucial no cuidado imediato, de acordo com Sangeant, et. al. (2023) se trata de um tratamento holístico, não apenas no atendimento físico, mas também no apoio emocional. Para isso, é necessário que possuam conhecimento sobre os sinais de violência doméstica e saibam como abordar as vítimas de maneira sensível, criando um ambiente de confiança. A identificação precoce da violência doméstica facilita o encaminhamento da mulher para os serviços de apoio e proteção adequados. A atuação da enfermagem, vai além do hospital, envolvendo uma rede integrada de proteção e apoio à mulher (Moore et al., 2023).

Este trabalho visa identificar o papel da enfermagem no cuidado à mulher vítima de violência doméstica em urgências e emergências, abordando os desafios, práticas de intervenção e estratégias para melhorar a identificação e o acolhimento, promovendo um atendimento humanizado e eficaz.

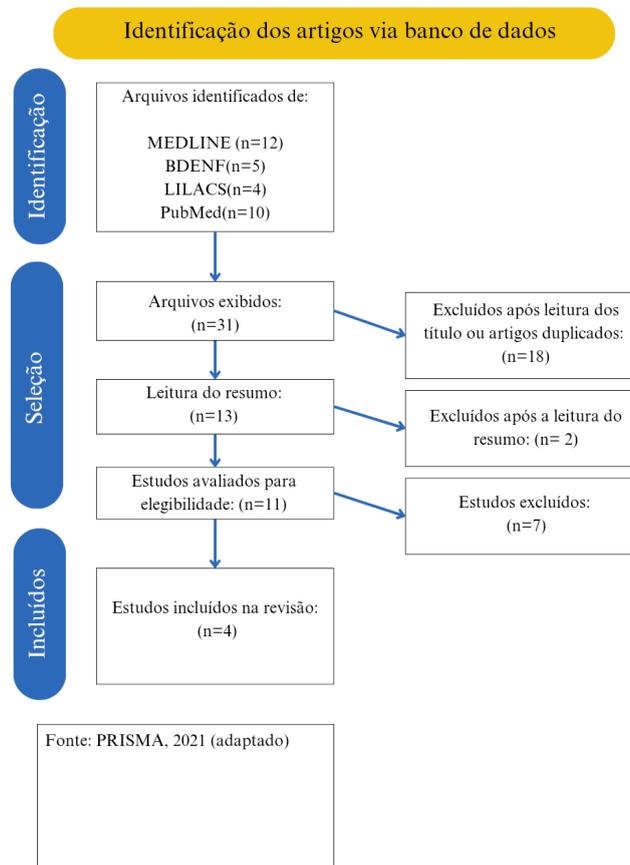
## **MÉTODO**

O estudo consiste em uma Revisão Integrativa de Literatura e para a formulação da pergunta norteadora da pesquisa foi utilizado a estratégia PICO, na qual População (P) são as mulheres vítimas de violência doméstica, Interesse (I) é o papel da enfermagem no cuidado à essa população e o Contexto (Co) sendo situações de urgência e emergência. Sendo assim, a pergunta norteadora da pesquisa é “Como a enfermagem atua no cuidado de mulheres vítimas de violência doméstica em contextos de urgência e emergência?”.

A pesquisa foi realizada durante o período de março de 2025 e as bases de dados utilizadas a partir da Biblioteca Virtual de Saúde, foram MEDLINE, Base de Dados de Enfermagem (BDENF), LILACS e PubMed, a busca foi realizada com descritores controlados utilizando operadores booleanos, chegando ao final na equação: Domestic violence and Emergency services and Nursing.

Após essa coleta de dados, os artigos foram encaminhados para o software Rayyan para ocorrer a triagem, usando o critério de inclusão para estudos publicados no máximo 5 anos atrás com título, assunto e resumo que respondessem à pergunta norteadora. Os excluídos foram os duplicados, que não falassem acerca do público alvo da pesquisa e os indisponíveis gratuitamente.

**Figura 1 - Fluxograma das etapas de seleção dos estudos**



Fonte: Autores (2025).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final da coleta de dados, foram encontrados 27 artigos, distribuídos da seguinte: 12 na MEDLINE, 5 na BDENF, 4 na LILACS e 10 no PubMed, 14 foram lidos na íntegra para avaliar a elegibilidade, chegando a conclusão de 9 artigos incluídos neste estudo.

**Quadro 1.** Categorização dos achados segundo autor, ano, país, periódico, tipo de estudo e resultados, Fortaleza/CE, 2025.

Artigo	Autor, ano	País	Periódico	Tipo de estudo, amostra e cenário	Principais resultados encontrados
A1	Sargeant, et.al.(2023)	Austrália	<i>Sage</i>	Estudo descritivo qualitativo. Amostra: n=21 Cenário: Departamento de emergência dos hospitais do Norte, Centro e Sudeste do estado, centros de trauma	A maioria afirmou não ter recebido capacitações, mencionaram ampla gama de estratégias para melhorar a triagem, mas não sabiam se há um protocolo formal para o

				terciário e hospitais de ensino, centros comunitários e centros regionais.	atendimento dessas vítimas no DE.
A2	Arrais, et.al.(2020)	Brasil	Escola Ana Nery	Estudo transversal qualitativo e quantitativo. Amostra: n=134 Cenário: Emergência ginecológica/obstetrícia de uma maternidade pública no distrito federal.	Grande parte também afirmou não ter recebido capacitações, porém responderam que estas são importantes, demonstrando que não é por ausência de interesse dos profissionais. Além disso, foi abordado sobre a Lei nº 2.835/2013, na qual poucos profissionais têm conhecimento.
A3	Batistett, et.al.(2020)	Brasil	<i>Rev fun care online</i>	Pesquisa descritiva com abordagem qualitativa Amostra:n=11 Cenário: Hospital público que é uma referência para os cuidados de mulheres vítimas de violência na capital do Estado do Paraná.	Analizou a percepção das mulheres atendidas no DE, concluindo que um atendimento com escuta ativa, humanizado e de boa qualidade minimiza os impactos da violência sofrida.
A4	Saberi, et.al.(2023)	Austrália	<i>Internatio nal Emergenc y Nursing</i>	Entrevistas semi estruturadas qualitativas Amostra:n=23 Cenário:2 Departamentos de Emergência de hospitais terciários dentro de um Distrito de Saúde.	Analizou as barreiras e facilitadores na implementação da triagem de violência por parceiro íntimo (VPI).

Fonte: Autores, 2025

O estudo A1 foi realizado por meio de entrevistas com clínicos do Departamento de Emergência (DE) e abordou as barreiras no atendimento às vítimas de Violência Doméstica (VD). Quando questionados sobre as práticas de triagem desses pacientes, todos os participantes relataram não estar cientes de protocolos específicos para esse tipo de atendimento em seus locais de trabalho. Além disso, a maioria afirmou não ter recebido qualquer tipo de capacitação, seja voltada especificamente para a triagem da VD como uma prática distinta, seja em relação a comunicações mais amplas sobre a detecção e o manejo desses casos (Sargeant, 2023). Esse dado é alarmante, considerando que o DE é a principal porta de entrada para essas vítimas, que necessitam de assistência contínua e escuta ativa por parte dos profissionais de saúde.

Quando questionados sobre como a triagem poderia ser aprimorada, os entrevistados mencionaram uma ampla gama de estratégias, que variaram desde interações individuais até mudanças institucionais mais amplas. No entanto, não souberam afirmar se há um protocolo formal para o atendimento dessas vítimas no DE (Sargeant, 2023). Outra questão abordada na

pesquisa referia-se a quem deveria iniciar a conversa sobre VD com o paciente e como essa comunicação deveria ser operacionalizada no ambiente do DE. Os entrevistados, em sua maioria, indicaram que essa abordagem deveria ser realizada por uma determinada categoria profissional, sem especificar um profissional específico para esse contato inicial (Sargeant, 2023).

O estudo A2 investigou a capacitação de diferentes profissionais da saúde, incluindo enfermeiros, médicos, residentes de medicina e enfermagem, e técnicos de enfermagem. Quando questionados sobre o treinamento recebido para o atendimento a vítimas de violência sexual, 115 (85,82%) profissionais afirmaram não ter recebido qualquer capacitação, enquanto apenas 19 (14,18%) declararam ter participado de algum tipo de treinamento (Arrais, 2020). Esse resultado corrobora os achados do A1, demonstrando que a ausência de profissionais qualificados compromete a assistência adequada às vítimas.

Além disso, foi perguntado aos profissionais sobre a importância da capacitação continuada para o atendimento a crianças e mulheres vítimas de VD. Apenas três (2,26%) responderam que essa formação não era necessária, enquanto 130 (97,74%) afirmaram que a consideravam essencial (Arrais, 2020). Isso demonstra que a falta de capacitação não decorre da ausência de interesse dos profissionais, mas sim da escassez de treinamentos específicos voltados para essa área.

O estudo também abordou o conhecimento dos profissionais sobre a Lei nº 2.835/2013, que determina que os hospitais devem oferecer às vítimas de violência sexual um atendimento emergencial, integral e multidisciplinar, visando ao tratamento dos agravos físicos e psíquicos decorrentes da violência e ao encaminhamento, quando necessário, aos serviços de assistência social. Ao serem questionados sobre essa legislação, 100 (79,37%) profissionais afirmaram desconhecerem-na, enquanto apenas 26 (20,63%) declararam ter conhecimento sobre essa norma (Arrais, 2020). Esses dados evidenciam a necessidade de maior disseminação de informações sobre os direitos das vítimas e as responsabilidades institucionais dos serviços de saúde.

O estudo A3 analisou a percepção das mulheres atendidas no DE, investigando o acolhimento recebido e o profissional responsável pelo primeiro contato. A maioria das entrevistadas relatou que o primeiro profissional com quem tiveram contato foi uma enfermeira. Quanto à qualidade do atendimento, levando em consideração a assistência técnica e a presença profissional, 10 de 11 mulheres avaliaram a experiência de maneira positiva, destacando que receberam a atenção necessária e que isso foi essencial para incentivá-las a continuar o tratamento. No entanto, três entrevistadas, incluindo uma que inicialmente relatou

uma experiência positiva, mencionaram dificuldades durante a triagem, relatando que a profissional responsável não soube explicar corretamente os procedimentos (Batistetti, 2020).

No que diz respeito aos sentimentos experimentados pelas vítimas em decorrência do atendimento recebido, oito participantes afirmaram que, apesar da situação traumática enfrentada, sentiram-se mais calmas, seguras e acolhidas pela equipe de enfermagem devido aos cuidados prestados e à abordagem individualizada. No entanto, uma entrevistada relatou que não recebeu atendimento adequado e que, estando em um momento de extrema fragilidade, não se sentiu acolhida (Batistetti, 2020). Esses resultados destacam a importância de um atendimento humanizado e qualificado para minimizar os impactos da violência sofrida.

Ademais, na categoria “Os cuidados prestados pela equipe de enfermagem”, os relatos das entrevistadas demonstraram reconhecimento pelo papel dos profissionais de enfermagem na assistência inicial às vítimas. Entretanto, algumas declarações revelaram dúvidas e até desconhecimento sobre o papel da enfermagem no atendimento de emergência a casos de violência.

Ainda em relação à assistência prestada, foi possível perceber que, além dos procedimentos técnicos aos quais foram submetidas, as vítimas valorizaram aspectos subjetivos do atendimento, como a atenção recebida e a personalização dos cuidados prestados pelos profissionais (Batistetti, 2020). Esses achados evidenciam a importância da enfermagem na assistência às vítimas de VD e sugerem que a qualificação profissional pode contribuir significativamente para aprimorar a triagem e o atendimento no DE.

Por fim, o estudo A4 analisou as barreiras e facilitadores na implementação da triagem de violência por parceiro íntimo (VPI), por meio de entrevistas com 23 participantes. Dentre as principais barreiras identificadas, destacaram-se a dificuldade em promover mudanças nas práticas profissionais, especialmente no que se refere à alteração do foco biomédico para incluir a detecção da violência, a sobrecarga de trabalho no DE, a complexidade do fluxo de atendimento e a ausência de infraestrutura adequada, como a falta de salas de consulta com privacidade (Saberri, 2023).

Entretanto, alguns fatores foram identificados como facilitadores para a implementação da triagem de VPI, incluindo o apoio institucional, a manutenção de relações interpessoais e a colaboração entre os profissionais, além da oferta de treinamentos específicos para o desempenho dessa função. Dessa forma, os estudos analisados evidenciam que a triagem e o atendimento a vítimas de violência doméstica no Departamento de Emergência enfrentam diversas barreiras, incluindo a ausência de protocolos específicos, a

falta de capacitação profissional e dificuldades estruturais (Saber,2023). No entanto, a percepção positiva das mulheres atendidas, aliada ao reconhecimento da importância do papel da enfermagem, sugere que a qualificação profissional pode aprimorar significativamente a assistência prestada.

Os estudos analisados destacam desafios críticos e potenciais avanços na triagem e no atendimento às vítimas de violência doméstica nos Departamentos de Emergência (DE). A ausência de protocolos formais e de capacitação profissional compromete a identificação e o manejo adequado dos casos (Sargeant, 2023; Arrais, 2020), refletindo na baixa conscientização sobre legislações específicas e nas dificuldades enfrentadas pelos profissionais para conduzir essas situações (Arrais, 2020). Apesar dessas barreiras estruturais e institucionais, a percepção positiva das vítimas sobre o acolhimento recebido, especialmente pela equipe de enfermagem (Batistetti, 2020), e os facilitadores identificados, como apoio institucional e treinamentos específicos (Saber, 2023), sugerem que investimentos em qualificação profissional e mudanças organizacionais podem aprimorar significativamente a assistência prestada.

## CONCLUSÃO

Os estudos evidenciam alguns desafios significativos nesse cenário de atendimento às vítimas de violência doméstica no contexto da emergência, sendo uma delas a ausência de protocolos específicos, a falta de capacitação profissional e deficiências estruturais, comprometendo a identificação precoce e o manejo adequado dessas vítimas, que necessitam de uma abordagem humanizada e eficiente.

No entanto, a percepção positiva das mulheres atendidas, sobretudo em relação à abordagem da equipe de enfermagem, demonstra que a empatia, a escuta ativa e a personalização do cuidado são aspectos fundamentais para minimizar os impactos emocionais decorrentes da violência.

Em consequência, a implementação de políticas públicas que priorizem a capacitação contínua dos profissionais de saúde para a atuação mais adequada em contextos delicados, assim como promover melhorias na infraestrutura com o objetivo de garantir uma assistência mais segura, eficaz e acolhedora. O investimento em estratégias institucionais que fortaleçam o suporte organizacional e incentivem práticas colaborativas com uma equipe multidisciplinar promovendo a assistência integral aquela vítima envolvendo não só questões biológicas, mas biopsicossocial daquele indivíduo, dessa forma aprimorando a triagem e o atendimento às

vítimas, contribuindo para a proteção e recuperação dessas pessoas em situação de vulnerabilidade.

## REFERÊNCIAS

ARRAIS, A.; ZERBINI, E.C.; JOTA, F.S.S.V.B.O.; et. al. **Desafios para implantação da cadeia de custódia para as vítimas de estupro no Distrito Federal.** *Escola Anna Nery*, v. 24, n. 1, e20190101, 2020. DOI: 10.1590/2177-9465-EAN-2019-0101.

BRASIL. **Lei nº 12.845, de 1º de agosto de 2013.** Dispõe sobre o atendimento obrigatório e integral de pessoas em situação de violência sexual no âmbito do Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 02 ago. 2013. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2013/lei/l12845.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/l12845.htm). Acesso em: 24 mar. 2025.

BATISTETTI, L. T.; LIMA, M. C. D.; SOUZA, S. R. R. K. **A percepção da vítima de violência sexual quanto ao acolhimento em um hospital de referência no Paraná.** *Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental*, v. 12, p. 169-175, 2020. DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v12.7191.

FRANCO, J.M.; LOURENÇO, R.G. **Assistência de enfermagem prestada às mulheres em situação de violência em serviços de emergência.** *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 24, 2022.

MOORE, S. et al. **Discursos e narrativas de políticas de violência familiar e doméstica: implicações para departamentos de emergência e comunidades na Austrália rural.** *Revista internacional para equidade em saúde*, v. 22, n. 1, p. 65, 2023.

SABERI, Elham; HUTCHINSON, Marie; HURLEY, John. **Implementing intimate partner violence (IPV) screening within emergency departments – Barriers, challenges and enablers experienced by intimate partner violence practice change champions.** *International Emergency Nursing*, v. 69, p. 101311, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ienj.2023.101311>. Acesso em: 24 mar. 2025.

SARGEANT, S.; BAIRD, K.; SWEENEY, A.; TORPIE, T. **“If Not Me, Then Who?”: Exploring the Challenges Experienced by Front-Line Clinicians Screening for, and Communicating About, Domestic Violence in the Emergency Department.** *Violence Against Women*, v. 29, n. 12-13, p. 2508–2526, 2023. DOI: 10.1177/10778012231186816.